

No capítulo 11 foi apresentado um esboço do desenvolvimento do comportamento de apego em cinco espécies de primatas — do macaco *rhesus* ao homem —, no decorrer dos respectivos ciclos vitais. A tarefa consiste agora em considerar a melhor maneira de compreender a natureza desse tipo de comportamento e os fatores que o controlam.

A teoria mais amplamente defendida tem sido, fora de qualquer dúvida, a do impulso secundário, pelo que é útil começar considerando a origem e o status atual dessa teoria⁽¹⁾.

A teoria do impulso secundário sustenta que o desejo de estar com outros membros da espécie é um resultado de ser alimentado por eles. Como expressam Dollard e Miller (1950): "... provavelmente a experiência de ser alimentado é a ocasião para a criança aprender a gostar de estar com outras pessoas; ou seja, pode estabelecer a base da sociabilidade". Ou, como disse Freud: "A razão pela qual uma criança de colo quer a presença da sua mãe é somente o já saber, por experiência, que ela satisfaz todas as suas necessidades, sem demora" (1926, S. E., 20, p. 137); e mais tarde, de um modo algo mais específico: "o amor tem sua origem no apego à necessidade satisfeita de alimento" (1940, S. E., 23, p. 188).

A primeira coisa a notar sobre este tipo de teoria é que ela decorre de um pressuposto e não de observação ou experimento. Hull adotou a posição de que existe somente um número limitado de impulsos primários — fome, sede, conforto, sexo — e de que qualquer outro comportamento é derivado deles por um processo de aprendizagem. Freud formulou uma suposição muito parecida. Ambos os tipos de teoria — teoria da aprendizagem e psicanálise — foram elaborados, pois, na convicção de que o pressuposto básico estava justificado e nem precisava ser discutido. Como não existia outra teoria no campo, a teoria do impulso secundário passou a ser encarada quase como se fosse uma verdade axiomática.

A teoria foi seriamente questionada pela primeira vez graças aos trabalhos iniciais de Lorenz sobre estampagem. Embora publicadas em 1935, suas conclusões foram pouco conhecidas antes de 1950, e somente a partir da década de 60 viriam a exercer um profundo impacto sobre o pensamento psicológico. O que elas provaram, sem qualquer dúvida possível, é que o comportamento de apego pode desenvolver-se em patinhos e gansinhos sem que os jovens animais recebam alimento ou

qualquer outra recompensa convencional. Nas horas seguintes após a eclosão, essas jovens criaturas tendem a seguir qualquer objeto que vejam em movimento, seja ele a ave-mãe, um homem, uma bola de borracha ou uma caixa de papelão; além disso, tendo seguido um determinado objeto, passam a preferir-lo a quaisquer outros e, depois de certo tempo, não seguirão mais nenhum. O processo de aprendizagem das características do objeto que é seguido recebeu o nome de estampagem (ver o capítulo 10).

Uma vez que os experimentos de Lorenz foram repetidos e seus dados verificados, é natural considerar se o comportamento de apego em mamíferos e no próprio homem se desenvolve de maneira comparável. Existem hoje provas substanciais de que assim é. Aqueles que continuam sendo favoráveis a uma teoria do impulso secundário devem, portanto, apresentar algumas provas convincentes, se desejarem que a teoria seja encarada seriamente no futuro.

No que se refere a mamíferos não-humanos, somente se dispõe de provas rigorosas de que o comportamento de apego pode desenvolver-se e ser dirigido para um objeto que não fornece qualquer das recompensas tradicionais de alimento, conforto ou sexo, no caso de porquinhos-da Índia, cães, ovelhas e macacos *rhesus* (ver o artigo de Cairns, 1966a).

Numa série de experimentos, Shipley (1963) demonstrou que porquinhos-da Índia, isolados durante as quatro primeiras semanas após o nascimento, respondem ao movimento de um modelo de madeira, branco e plano, seguindo-o para onde quer que o desloquemos. As respostas incluem não só aproximação mas um certo número de outras respostas tipicamente sociais, por exemplo, farejar, lambear e buscar contato. Num outro experimento, filhotes de porquinho-da Índia permaneceram com a mãe durante cinco dias, na mais completa escuridão. Foram então separados da mãe e expostos à luz e ao objeto movente. Uma vez mais, eles responderam ao modelo abordando-o, seguindo-o e com outras respostas sociais. Como tinham sido criados no escuro, não havia possibilidade alguma de generalização visual a partir da mãe e, como a abordagem precedia o contato com o modelo, qualquer efeito de um contato prévio com a mãe podia ser excluído.

Embora os experimentos de Scott e seus colaboradores com cachorrinhos (revisitos por Scott em 1963) fossem um pouco menos rigorosos, os resultados são, apesar de tudo, impressionantes. Os cachorrinhos, totalmente isolados do homem, permaneceram com sua mãe e companheiros de ninhada com luz normal, até os experimentos começaram, quando eles estavam com duas ou três semanas de idade ou mais. A questão que se propunha verificar era se um cachorrinho que

(1) Para um relato abrangente e atualizado das versões psicanalítica e de aprendizagem social desse tipo de teoria, ver Maccoby e Masters (1970).

nunca vira nem fora alimentado por um homem se aproximaria e seguiria um e, caso o fizesse, em que idade e em que condições.

Num experimento, os cachorrinhos foram expostos primeiro a um homem sentado e inativo quando estavam em uma de diferentes idades; a exposição era de dez minutos diários, durante uma semana. Todos os cachorrinhos expostos pela primeira vez a um homem, quando estavam com três ou com cinco semanas de idade, abordaram imediatamente o experimentador e passaram os dez minutos inteiros com ele. Os que foram expostos em idades mais adiantadas mostraram-se mais receosos e nenhum dos que foi exposto pela primeira vez com catorze semanas abordou o experimentador. Assim, nas semanas que se seguem imediatamente aos primeiros movimentos de engatinhar, os cachorrinhos abordarão um ser humano apesar deste estar inativo e deles não terem tido qualquer ocasião que lhes permitisse associarem o homem ao alimento.

Num outro experimento, um dos colaboradores de Scott (Fisher) manteve os cachorrinhos em completo isolamento a partir das três semanas de idade e criou um dispositivo que lhes permitia serem alimentados por meios mecânicos. Daí em diante, durante um curto período de cada dia, Fisher soltava os animais e observava suas respostas a um homem caminhando. Todos eles o seguiram. Um grupo de cachorrinhos, além de não receber qualquer espécie de recompensa, era punido toda a vez que tentava seguir um homem, "para que a única experiência deles com o contato humano fosse dolorosa". Após várias semanas, o experimentador cessou a punição. Os cachorrinhos logo deixaram de fugir dele e, além disso, passavam realmente mais tempo com ele do que os cachorrinhos do grupo-controle, cujas abordagens tinham sido recom-pensadas com agrados.

Os experimentos de Cairns com cordeiros deram resultados semelhantes (Cairns, 1966a e b; Cairns e Johnson, 1965). A partir das seis semanas de idade, um cordeiro foi mantido isolado mas em contato visual e auditivo com um aparelho de televisão em funcionamento. Não só o cordeiro manteve proximidade com o aparelho mas quando, após nove semanas de confinamento, foi separado do aparelho, procurou-o e foi postar-se junto dele quando o encontrou. Em outros experimentos, os cordeiros foram criados em contato visual, auditivo e olfativo com um cão; em alguns casos, o par era impedido de interagir por uma divisória de arame. Após algumas semanas, uma vez mais, o cordeiro tratou o cão como uma figura de apego, balindo quando eram separados, procurando-o e, quando o encontrava, seguindo-o para todos os lados. Assim, em cordeiros, o apego pode desenvolver-se apenas com a exposição visual e auditiva a um objeto, e sem qualquer interação física com ele.

Além disso, os cordeiros, à semelhança dos cachorrinhos, desenvolverão tal apego apesar de receberem tratamento punitivo do companheiro. Quando um cordeiro e um cão são mantidos juntos numa jaula, sem quaisquer restrições aos seus movimentos, o cão é capaz de morder, bater ou maltratar o cordeiro de qualquer maneira. Apesar disso, quando o par é separado, o cordeiro imediatamente buscará o parâmetro de seu companheiro canino e, ao encontrá-lo, abordá-lo-á e procurará ficar junto dele. Nenhum destes dados é compatível com a teoria do impulso secundário.

Tampouco os experimentos de Harlow com macacos *rhesus* corroboraram a teoria do impulso secundário. Numa série de experimentos em que os macaquinhos foram separados da mãe logo ao nascerem, eles foram dotados de modelos maternos que consistiam num cilindro de arame, ou num cilindro semelhante mas coberto de tecido macio. A alimentação era assegurada por uma mamadeira que podia ser colocada em qualquer um dos modelos. Isso possibilitou a realização de avaliações separadas sobre os efeitos da alimentação e de algo confortável a que se agarrar. Todos os experimentos mostraram que o "conforto do contato" acarretou o comportamento de apego, ao passo que o alimento não.

Num experimento, oito filhotes foram criados podendo escolher entre um modelo de pano e um modelo de arame. Quatro bebês eram alimentados (quando pediam) no modelo de pano e quatro no de arame, e mediu-se o tempo que os bebês permaneciam junto a cada modelo. Os resultados mostraram que, independentemente de qual fosse o modelo que fonesse o alimento, os bebês tratavam rapidamente de passar a maior parte do tempo junto ao modelo de pano. Ao passo que bebês de ambos os grupos passavam em média quinze horas por dia agarrados ao modelo de pano, nenhum bebê de um grupo ou outro passava mais de uma em cada 24 horas com o modelo de arame. Alguns bebês cujo alimento era fornecido pelo modelo de arame, conseguiam debruchar-se o bastante para alcançar e sugar a teta, mas sem se desprenderem do modelo de pano. Harlow e Zimmerman (1959) concluem:

Esses dados tornam óbvio que o conforto do contato é uma variável de importância crítica no desenvolvimento da receptividade afetiva à mãe-substituta [isto é, o modelo] e que a amamentação parece ter um papel de menor importância. Com o aumento da idade e a oportunidade de aprender, um bebê alimentado pela mãe lactante de arame não se torna mais responsivo a ela, como seria de se esperar de uma teoria derivada do impulso mas, pelo contrário, torna-se cada vez mais, responsivo à sua mãe não-lactante de pano. Estas conclusões divergem completamente da teoria de redução de impulso do desenvolvimento afetivo.

Muitos dos outros experimentos de Harlow corroboram essa conclusão, especialmente aqueles em que é feita uma comparação entre o comportamento de filhotes criados na companhia de um modelo de pano que *não* os alimentava, e outros macaquinhos criados com um modelo de arame que *os alimentava*. Dois desses experimentos ocupam-se do comportamento de um jovem macaco (1) quando está alarmado e (2) quando está num ambiente estranho.

Quando um bebê criado com um modelo de pano não-lactante se alarma, ele busca imediatamente esse modelo e agarra-se a ele (tal como o macaco selvagem, em circunstâncias análogas, busca imediatamente sua mãe e se agarra a ela). Tendo feito isso, o macaquinho mostra-se menos recoso e pode até começar a explorar o objeto que até então o assustava. Quando um experimento análogo é realizado com um bebê criado com um modelo "lactante" de arame, o seu comportamento é muito diferente; ele não busca o modelo e, ao contrário, fica apavorado e não realiza explorações.

No segundo experimento, um bebê macaco é colocado numa sala de teste estranha (dois metros cúbicos), na qual existe uma variedade de brinquedos. Enquanto o seu modelo de pano estiver presente, o jovem macaco explora os brinquedos, usando o modelo como base à qual regressar de tempos em tempos. Entretanto, na ausência do modelo, os filhotes

corriam espavoridos de um lado para outro da sala de teste, jogando-se no chão de rosto para baixo, apertando a cabeça entre as mãos e guinchando aflitivamente... A presença da mãe de arame não tranquilizava mais do que se não houvesse mãe nenhuma. Testes de controle com macacos que desde o nascimento tinham sido amamentados somente pela mãe de arame revelaram que nem mesmo esses bebês mostravam afecção por ela e não obtinham conforto algum na sua presença. (Harlow, 1961)

Em ambos os experimentos, o comportamento típico de apego é dirigido para o modelo não-alimentador de pano, ao passo que esse comportamento nunca é dirigido para o modelo alimentador de arame.

A experiência de Rowell com o bebê babuíno que ela criou está perfeitamente de acordo com as conclusões de Harlow sobre os bebês *rhesus*. O babuíno era alimentado com mamadeira; tinha uma chupeta e dispunha de sua tratadora para agarrar-se quando quisesse. Nessas circunstâncias, a mamadeira só era de interesse quando o babuíno estava com fome. Nesses momentos, o bebê procurava agarrá-la fortemente mas, no resto do dia, ele dirigia o seu comportamento para a chupeta ou a mãe adotiva: "a mamadeira, embora ocasionalmente aceita, parece não ter mais interesse do que qualquer outro objeto de dimensões comparáveis" (Rowell, 1965).

Nos experimentos de Harlow, o único efeito que o alimento parece ter é tornar um modelo de pano um pouco mais atraente do que outro. Assim, dada a escolha de dois modelos, ambos de pano, um verde que alimenta e um marrom que não o faz, o bebê passa mais tempo no modelo alimentador; aos quarenta dias de idade, é cerca de onze horas por dia no modelo alimentador contra oito no não-alimentador. Mas até mesmo essa preferência limitada diminui, de modo que, aos quatro meses de idade, os dois modelos são tratados exatamente do mesmo modo (Harlow, 1961).

É interessante notar que, assim como Fisher apurou que cachorrinhos seguem ainda mais persistentemente, apesar dos castigos, e Cairns encontrou o mesmo com cordeiros, também Harlow verificou que um filhote de macaco aferra-se mais intensamente à mãe em face de um castigo. Nesse experimento, um modelo de pano foi equipado com bicos ejetores através do qual podiam ser expelidos sopros de ar comprimido. Um zumbido servia como estímulo condicionado que advertia o bebê de um sopro iminente e conhecido como estímulo fortemente desagradável para macacos. Embora os bebês macacos aprendessem depressa o que esperar, em vez de adotarem uma ação evasiva eles fizeram justamente o oposto. Agarravam-se ao modelo com redobrado vigor e assim recebiam no focinho e na barriga um sopro de intensidade máxima (Harlow, 1961; Rosenblum e Harlow, 1963). Comportamento de apego de grande intensidade também foi mostrado por bebês macacos cujas mães os maltratavam seriamente (Seay, Alexander e Harlow, 1964). Esse comportamento paradoxal é, evidentemente, um resultado inevitável do fato de o comportamento de apego ser eliciado por algo alarante. Este ponto é examinado em maior detalhe no próximo capítulo.

O caso do homem

Embora todos esses experimentos pareçam efetivamente eliminar uma teoria do impulso secundário para mamíferos não-humanos, eles deixam ainda por resolver o caso humano. Inevitavelmente, as provas referentes ao homem são inconclusivas. Entretanto, um certo número de observações sugere que os fatores que contribuem para o comportamento de apego no homem não diferem muito do que são em seus parentes mamíferos.

Em primeiro lugar, sabe-se que um bebê humano nasce com uma capacidade de agarrar-se que o habilita a sustentar o seu próprio peso — uma capacidade que Freud observou e designou como o "instinto de apreensão" (Freud, 1905, S. E., 7, p. 180). Em segundo lugar, os bebês desfrutam a companhia humana. Mesmo nos primeiros dias de vida, os bebês são aquietados por interação social, como ser levado ao colo, falarem com ele, ser acariciado, e não tardará que eles pareçam

sentir grande prazer em observar as pessoas movimentando-se à sua volta. Em terceiro lugar, as respostas de balbuciar e sorrir em bebês aumentam de intensidade quando um adulto lhes responde de um modo puramente social, ou seja, prestando um pouco de atenção a eles (Blackbill, 1958; Rheingold, Gewirtz e, Ross, 1959). Não se requer alimento nem qualquer outro cuidado corporal, embora a presença disso possa ajudar. Assim, há provas claras que o bebê humano é feito de modo a responder prontamente aos estímulos sociais e a entrar rapidamente em interação social (ver exame mais minucioso no capítulo 14).

De fato, os bebês humanos estão tão fortemente dispostos a responder a estímulos sociais que não raras vezes se apegam a outras crianças de sua própria idade ou apenas um pouco mais velhas, protestando e seguindo-a quando a outra criança se afasta, acolhendo-a efusivamente e abordando-a quando a outra regressa. Apegos deste tipo são descritos por Schaffer e Emerson (1964d). Também constituem o tema de um estudo de Anna Freud e Sophie Dann (1951), no qual se descreve um grupo de seis crianças, entre os três e quatro anos de idade, que tinham estado num campo de concentração e cuja única companhia persistente na vida tinha sido, evidentemente, a de umas às outras. As autoras enfatizam que "os sentimentos positivos das crianças centravam-se exclusivamente em seu próprio grupo... preocupavam-se e cuidavam muito umas das outras, nada nem ninguém mais sendo objeto de suas atenções".

Que um bebê pode apegar-se a outros da mesma idade ou apenas um pouco mais velhos deixa claro que o comportamento de apego pode desenvolver-se e ser dirigido para uma figura que nada fez para satisfazer as necessidades fisiológicas da criança. O mesmo pode ser afirmado mesmo quando a figura de apego é um adulto. Entre as pessoas classificadas por Schaffer e Emerson (1964d) como figuras principais ou conjuntamente principais de apego para sessenta crianças escocesas, na- da menos do que um quinto "não participava sequer em grau menor de qualquer aspecto dos cuidados físicos da criança". E concluem: "Parece que o apego pode desenvolver-se mesmo quando os indivíduos para os quais ele está dirigido, não se associam, de forma alguma, a satisfações físicas". As variáveis que esses pesquisadores consideraram os determinantes mais claros das figuras as quais as crianças se apegavam eram a rapidez com que uma pessoa respondia a um bebê e a intensidade da interação em que se envolviam com ele.

A confiança em tais conclusões é sumamente aumentada pelos resultados de recentes trabalhos experimentais que mostram que um dos métodos mais poderosos para aumentar o desempenho de uma criança em qualquer tarefa que requiera capacidade de discriminação ou apti-

dão motora é recompensá-la com a resposta incentivadora de um outro ser humano. Bower (1966) descreve como é possível explorar o mundo visual de bebês de duas semanas de idade e acima aplicando técnicas de condicionamento operante em que o agente reforçador é simplesmente um adulto que aparece diante do bebê em estilo de brincadeira de esconde-esconde; e Stevenson (1965) recapitula numerosos estudos em que a habilidade das crianças em tarefas simples é aumentada se cada resposta correta for premiada com diversas manifestações de aprovação social⁽²⁾.

Assim, as provas existentes corroboram fortemente o ponto de vista de que o comportamento de seres humanos pode desenvolver-se, como em outras espécies, sem as recompensas tradicionais de alimento e conforto. Isto significa que, se a teoria do impulso secundário quiser ser sustentada no caso humano, quando provou ser insustentável em espécies estreitamente afins, são requeridas novas e convincentes provas⁽³⁾. Por que sustentar, pois, a teoria do impulso secundário?

Entre as várias razões por que os psicanalistas são relutantes em abandoná-la é que se precisa de alguma teoria para explicar a elevada frequência de sintomas francamente orais em todos os tipos de condições neuróticas e psicóticas.

Com base na teoria do impulso secundário, tais sintomas são facilmente explicados como sendo, simplesmente, regressões a uma fase anterior, quando as relações com o objeto são apenas orais. Se tal explicação deixou de ser aceitável, que alternativa é oferecida? Este pro-

(2) Um certo número de teóricos da aprendizagem, impressionados com esses resultados, concluiu que o desenvolvimento do comportamento de apego pode ser ineiramente explicado em termos de condicionamento operante das respostas sociais de um bebê, através do reforçamento social proveniente de sua figura de apego (Gewirtz, 1961). Embora nada nesse ponto de vista tendênciamente aqui proposta, ele tende a prestar muito pouca atenção às fortes tendências inatas que, segundo afirmamos, cada parquinho leva para a relação. Quando as tendências inatas são ignoradas, Ainsworth (1973) enfatiza que existe o perigo de que todo e qualquer sistema comportamental seja considerado ambientalmente instável em grau infinito, com efeitos potencialmente muito adversos na prática.

(3) Recentemente, Murphy (1964) propôs uma forma modificada da teoria do impulso secundário, mas não apresentou novas provas para apoiá-la. Assim, durante críticas à minha posição, tal como foi expressa antes (Bowlby, 1958), Murphy admite que o alimento pode não ser a única recompensa significativa. Não obstante, ela propõe que o apego de um bebê só se desenvolve porque ele aprende que a sua figura materna o gratifica, protege e sustenta: "Os comportamentos de agarrar-se e de seguir não produzem o apego; são uma expressão da confiança do bebê na figura materna que satisfaz suas necessidades, o protege e o sustenta". Se assim fosse, o apego dificilmente se desenvolveria em relação a crianças ou adultos que não fazem nenhuma dessas coisas.

blema pode ser abordado de três maneiras. Em primeiro lugar, embora na hipótese proposta se conceba o comportamento de apego como algo que se desenvolve independentemente do alimento, ele não se desenvolve independentemente da sucção — um paradoxo que é discutido integralmente no próximo capítulo. Portanto, a teoria da regressão não é inteiramente eliminada. Em segundo lugar, por meio de uma substituição simbólica, os sintomas orais podem ser considerados por um paciente como o equivalente da relação com uma pessoa; para ele, a parte representa o todo. Em terceiro lugar, parece provável que, em muitos casos, uma atividade oral seja classificada como uma atividade de deslocamento, ou seja, uma atividade que é evocada quando uma outra é frustrada e que parece ocorrer fora de contexto. As possíveis formas em que tais atividades podem surgir em situações de conflito foram descritas no capítulo 6. Como os processos postulados estão em nível infra-simbólico, pode ser útil uma breve discussão do seu papel na vida humana.

No trabalho com seres humanos estamos tão acostumados a ver uma atividade tomar o lugar de outra através de uma equivalência simbólica entre as duas, que talvez seja difícil imaginar que substituições superficialmente semelhantes possam também ocorrer em nível infra-simbólico. Eis dois exemplos: Uma criança desgozosa chupa o polegar; uma criança separada da mãe come excessivamente. Em tais situações é possível pensar no polegar e na comida como simbolizando a mãe como um todo ou, pelo menos, o seio e o leite. Uma alternativa consiste em considerar tais atividades como substitutos produzidos por processos psicológicos que operam em nível infra-simbólico, como o que está subentendido, por exemplo, no comportamento de construção de ninhos em gaiotas em luta: em outras palavras, propor que, quando o apego de uma criança à sua mãe é frustrado, desenvolve-se a sucção ou a voracidade como uma atividade não-simbólica fora de contexto. Vale assinalar que algo desse tipo ocorre quase certamente em primatas não-humanos. Os bebês de macacos *rhesus* e chimpanzés criados sem mães às quais se aconchegarem evidenciam um grande excesso de sucção autoerótica. Nissen relata que, embora a sucção do polegar não seja observada em chimpanzés criados com suas mães, isso ocorre em cerca de 80 % daqueles que foram criados em isolamento. O mesmo acontece com o macaco *rhesus*. No laboratório de Harlow, uma fêmea *rhesus* adulta sugava usualmente sua própria mama e um macho sugava o pênis. Ambos tinham sido criados em isolamento. Nesses casos, o que todos descreveríamos como sintomas orais tinham se desenvolvido em consequência do bebê ter sido privado do apego a uma figura materna

e através de processos que parecem ser claramente infra-simbólicos. Não será isso análogo aos sintomas orais em bebês humanos?

As observações de Anna Freud e Sophie Dann sobre as seis crianças do campo de concentração são sugestivas: "Peter, Ruth, John e Leah eram todos invertidos sugadores de polegar". As autoras atribuem isso ao fato de, para todas essas crianças, "o mundo objetal ser comprovadamente decepcionante". E prosseguem:

Que o excesso de sucção estava em proporção direta com a instabilidade de suas relações objetais foi confirmado no fim do ano, quando as crianças soberbaram que estavam prestes a deixar Bulldogs Bank e quando a sucção, durante o dia, tornou-se uma vez mais preponderante em todas elas. Essa persistência da gratificação oral... flutuava de acordo com as relações entre as crianças e o meio ambiente...

Se esse tipo de substituição pode ocorrer em bebês humanos, não poderá um processo em nível infra-simbólico explicar também pelo menos alguns dos sintomas orais que se manifestam em indivíduos mais velhos, quando as relações objetais se torna 1 difícil, em seu todo, seja qual for a razão?

Se este modo de encarar os sintomas orais é defensável ou não, só novas e mais amplas pesquisas mostrarão. Ele é descrito aqui para demonstrar que a teoria do comportamento de apego proposta pode fornecer uma alternativa razoável às explicações tradicionais dos sintomas orais baseadas na teoria do impulso secundário.

A questão da estampagem

Uma vez descartada a teoria do impulso secundário e procurados elementos significativos para uma nova teoria na obra de Lorenz e naquelas que ele inspirou, põe-se a questão de saber se o modo como o comportamento de apego se desenvolve no homem pode ou não ser equiparado à estampagem.

Em suas primeiras afirmações sobre estampagem, Lorenz (1935) negou enfaticamente que nos mamíferos ocorra qualquer coisa do mesmo tipo. Com o passar do tempo, entretanto, os pontos de vista mudaram. Por um lado, os conceitos de estampagem foram ampliados (ver o capítulo 10). Por outro, os trabalhos experimentais com mamíferos não-humanos mostraram que, pelo menos em algumas espécies, o desenvolvimento é suficientemente parecido ao das aves nidífugas para tornar a comparação proveitosa. Portanto, desde que não se adotem pressupostos fáceis do tipo daqueles contra os quais Hinde (1961, 1963)

nos advertiu⁽⁴⁾, será útil considerar se no homem ocorre qualquer coisa semelhante à estampagem. Isso suscita a questão prévia sobre se alguma coisa desse gênero ocorre em mamíferos não-humanos.

Mamíferos não-humanos

Na seção precedente foi dito o suficiente para mostrar que o modo como o comportamento de apego se desenvolve em numerosas espécies de mamíferos tem muito em comum com o modo como ele se desenvolve e aves nidífugas. Assim, em primeiro lugar, muitas respostas que são apropriadamente dirigidas a uma mãe podem ser eliciadas por uma vasta gama de objetos. Usualmente, não tarda a registrar-se uma limitação de objetos efetivos, devida, segundo parece, à aprendizagem por exposição e às propriedades de reforço de certas características perceptuais, como o movimento, o contato e o som dos chamados maternos. Uma vez aprendidas as características individuais de uma figura de apego, as respostas são principal ou inteiramente dirigidas para ela. Além disso, logo que é selecionada uma figura, a preferência por essa figura tende a ser estável e a transferência do comportamento de apego de uma figura familiar para uma nova e estranha torna-se cada vez mais difícil. Uma das razões principais disso está em que, tanto nos mamíferos como nas aves, a reação cada vez mais provável a qualquer figura estranha, à medida que o animal vai ficando mais velho, é de medo e afastamento.

O papel das reações de medo na limitação da possibilidade de que o apego se desenvolvesse à medida que o animal vai tendo mais idade foi bem ilustrada pelos experimentos de Scott com cachorrinhos. A que já nos referimos (Scott, 1963). Enquanto o cachorrinho não tinha mais de cinco semanas, ao ser exposto pela primeira vez à presença de um homem, o animal o abordava imediatamente. Em compensação, os cachorrinhos expostos pela primeira vez com sete semanas de idade mantinham-se afastados durante os primeiros dois dias do experimento e só se aproximavam em dias subsequentes. Outros expostos pela primeira vez com nove semanas mantinham-se afastados nos primeiros três dias. Ainda outros, expostos pela primeira vez com catorze semanas de idade, mantiveram-se distantes o tempo todo, ou seja, durante os sete dias do experimento. Só com um tratamento cuidadoso e prolongado,

(4) Ao analisar a utilidade de comparar mamíferos com aves. Hinde adverte que quaisquer "semelhanças podem ser meramente o resultado de forças seletivas semelhantes, não de mecanismos semelhantes" (1961). "Ver os problemas num caso", continua o autor em outro trabalho (1963), "pode elucidar os problemas no outro caso, mas não fornecerá as respostas. Temos que analisar cada caso *per se*, em todos os seus detalhes".

escreve Scott (1963), os animais do último grupo venceram o medo; mesmo assim, todos eles continuaram sendo tímidos na presença de seres humanos o resto da vida⁽⁵⁾.

As conclusões de Harlow e seus colaboradores a respeito de macacos *rhesus* apontam na mesma direção. Antes das seis ou sete semanas, os filhotes *rhesus* mostram apenas tênues reações de medo visualmente induzidas (Harlow e Zimmerman, 1959). Até essa idade, portanto, um bebê se aproximará prontamente de qualquer novo objeto ou animal; daí em diante, porém, torna-se cada vez mais provável que eles se afastem e se esquivem ao contato com estranhos. Assim, um filhote *rhesus* mantido em isolamento social durante os primeiros três meses de sua vida mostra uma perturbação tão extrema ao ser transportado para um ambiente mais variado com outros macacos que se manterá imóvel no lugar onde o colocarem, podendo até deixar de comer. Entretanto, esses bebês mostram um certo grau de recuperação em semanas subsequentes, e um mês ou dois mais tarde estão brincando ativamente com outros jovens macacos (Griffin e Harlow, 1966). Contudo, os mantidos em isolamento social nos primeiros seis meses de vida não mostram essa recuperação; e os animais isolados até os dezesseis meses de vida pouco mais fazem, quando transferidos para um ambiente variado, do que ficar agachados, os braços apertados em torno do próprio corpo, balançando-se pausadamente, e assim continuam por mais dois ou três anos, pelo menos (Mason e Sponholz, 1963). Parece que essa deterioração do comportamento deve-se ao medo extremo suscitado por toda e qualquer novidade, incluindo, é claro, outros macacos.

Assim, tanto em cães como em macacos *rhesus*, é limitada a fase durante a qual o comportamento de apego pode desenvolver-se mais facilmente. Uma vez passada essa fase, embora ainda seja possível que os animais venham a apegar-se a um novo objeto, isso torna-se cada vez mais difícil.

A esse respeito, como em tantos outros relacionados com o desenvolvimento do comportamento de apego, existem claramente semelhanças muito acentuadas entre mamíferos e aves. De fato, se considerarmos que quaisquer semelhanças são o resultado, não de haverem herdado

(5) Numa série subsequente de experimentos, Fuller e Clark (1966a e b) apuraram que, se a cachorrinhos previamente isolados for aplicada uma dose moderada de clorpromazina, antes de um teste social, as reações de medo à situação estranha pode ser reduzida. Consequentemente, cachorrinhos que tinham sido mantidos isolados das três as quinze semanas de idade responderam à nova situação com muito menos medo do que cachorrinhos comparáveis que não haviam sido drogados, não foram tão relutantes quando estes últimos em abordar o experimentador, e começaram a estabelecer ligações.

do algum mecanismo comum, mas da evolução convergente, o grau de semelhança é extraordinário. Sem dúvida, como Hinde (1961) sublinhou, isso é uma consequência do fato de que o problema de sobrevivência enfrentado por todos os ramos do reino animal é o mesmo.

A estampagem no homem

Ficará evidenciado em capítulos subseqüentes que, até onde nos é possível discernir atualmente, o desenvolvimento do comportamento de apego em bebês humanos, embora muito mais lento, é semelhante ao observado em mamíferos não-humanos. São muitas as provas que evidenciam e corroboram essa conclusão e nenhuma a contradição.

Os conhecimentos atuais sobre o desenvolvimento do comportamento de apego em seres humanos podem ser resumidos sob os mesmos oito itens que foram usados no capítulo 10 para descrever os conhecimentos atuais acerca da estampagem em aves:

- 1) Em bebês humanos, respostas sociais de todos os tipos são eliciadas no início por uma vasta gama de estímulos e, mais tarde, por uma gama muito mais limitada, a qual ficará concluída, após alguns meses, a estímulos provenientes de um número restrito de indivíduos.
- 2) Há provas de uma acentuada tendência para responder socialmente a certos tipos de estímulos e não a outros.
- 3) Quanto mais experiência de interação social um bebê tiver com uma pessoa, mais forte se tornará o seu apego a essa pessoa.
- 4) O fato de que aprender a discriminar diferentes rostos segue-se comumente a períodos de atenta observação visual e escuta sugere que a aprendizagem por exposição pode desempenhar um importante papel.
- 5) Na maioria dos bebês, o comportamento de apego dirigido a uma figura preferida desenvolve-se durante o primeiro ano de vida. Parece provável a existência de um período sensível nesse ano, durante o qual o comportamento de apego se desenvolve mais prontamente.
- 6) É improvável que qualquer fase sensível comece antes das seis semanas e pode ser que ocorra algumas semanas mais tarde.
- 7) Após seis meses, aproximadamente, e de um modo mais acen- tuado após os oito ou nove meses, é maior a probabilidade de que os bebês reajam a figuras estranhas com respostas de medo, e também mais provável que reajam com respostas mais vigorosas do que quando eram mais jovens. Por causa da cres-

cente frequência e força de tais reações de medo, o desenvolvimento do apego a uma nova figura torna-se cada vez mais difícil no final do primeiro ano de vida e subseqüentemente. 8) Desde que uma criança tenha ficado fortemente apegada a uma determinada figura, ela tende a preferir essa figura a todas as outras, e tal preferência tende a persistir apesar da separação.

As provas em abono de todos estes enunciados serão apresentadas em capítulos subseqüentes.

Podemos concluir, portanto, que, até onde chegamos nossos atuais conhecimentos, o modo como o comportamento de apego se desenvolve no bebê humano e se concentra numa figura discriminada é suficientemente semelhante ao modo como se desenvolve em outros mamíferos e em aves, para que possa ser legitimamente incluído na designação de estampagem — na medida em que este termo é usado em sua atual acepção genérica. Com efeito, proceder de outro modo seria criar um hiato ineiramente injustificado entre o caso humano e o de outras espécies.

Função do comportamento de apego

No capítulo 8 foi traçada uma distinção muito nítida entre as causas de um determinado tipo de comportamento e a função que esse comportamento preenche. Dada a estrutura do sistema comportamental, as variáveis que o tornam ativo incluem coisas tais como o nível hormonal e estímulos ambientais de tipo especial. Por outro lado, a função que o comportamento preenche deverá ser procurada em sua contribuição para a sobrevivência. O comportamento de acasalamento do macho pode servir como exemplo: entre suas causas estão o nível de andrógeno e a presença de uma fêmea; e a sua função consiste na contribuição que dá para a reprodução.

Nos estudos tradicionais do vínculo da criança com sua mãe, causação e função não têm sido claramente distinguidas. Conseqüentemente, não existe um exame sistemático de qual possa ser a função do vínculo. Os que sustentam que o vínculo é o resultado de um impulso secundário derivado da fome parecem supor que o vínculo é útil porque mantém o bebê perto de seu suprimento de alimento, embora isso não seja discutido.

Embora se possa facilmente supor que Freud também sustentou que a função do vínculo de um bebê com sua mãe é principalmente assegurar o suprimento de alimento, a posição de Freud é, de fato, um pouco diferente. Em seu primeiro estudo sistemático do problema (*Ini-*